



História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Moulinie, Véronique

Memória da Retirada e sucessão das gerações: do silêncio ao discurso ensurdecedor

História Unisinos, vol. 15, núm. 3, septiembre-diciembre, 2011, pp. 358-369

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866828004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Memória da Retirada e sucessão das gerações: do silêncio ao discurso ensurdecedor¹

Memory of the “Retirada” and successive generations: From silence to cacophony

Véronique Moulinie²

veromoulinie@club-internet.fr

Resumo. Na primavera de 1939, a Guerra Civil Espanhola, que, desde o verão de 1936, opõe franquistas e republicanos, está prestes a chegar ao fim. Fugindo do avanço das tropas de Franco, milhares de espanhóis cruzam os Pireneus em busca de refúgio no departamento dos Pyrénées-Orientales. Os homens serão confinados em campos e as mulheres, crianças e idosos em “refúgios”. No decorrer dos anos 2000, foram criadas muitas associações de descendentes de refugiados espanhóis, denunciando a muralha de silêncio que teria envolvido o êxodo de 1939 e multiplicando as atividades comemorativas (marcha da lembrança, inaugurações de estelas, exposições, etc.). No entanto, um olhar mais minucioso percebe que essas iniciativas não são tão pioneiras quanto pretendem ser. Muito antes delas, outros já haviam evocado esse episódio. Entre eles, os antigos combatentes da Guerra Civil Espanhola, muitas vezes organizados, também eles, em associações. Ora, passando, de certa forma, de pais para filhos, essa memória sofre mudanças, sutis mas importantes, e analisamos aqui a sua fonte e as suas consequências.

Palavras-chave: Guerra Civil Espanhola, êxodo, confinamento, memória.

Abstract. In the spring of 1939, the Spanish Civil War, which since the summer of 1936 had brought into conflict Republicans and supporters of Franco, was coming to an end. Fleeing the advance of Franco's army, thousands of Spaniards crossed the Pyrenees seeking refuge in the department of the Pyrenees-Orientales. Men were interned in camps, women, children and elderly in “shelters”. Since 2000 descendants of these refugees have created many associations aiming to break through the wall of silence surrounding this exodus of 1939, with multiple commemorative activities (marches, inaugurations of memorials, exhibitions, etc.). Nonetheless, looking more closely one can see that these associations are not, as they think, the first guardians of this memory. Well before them others had evoked that exodus. Amongst these, Spanish Civil War veterans had very often formed associations. Thus, passing in a way from parents to children, this memory underwent subtle but important changes, the reasons and effects of which are analyzed here.

Key words: Spanish Civil War, migration, confinement, memory.

¹ Texto traduzido por Ana Claudia Ribas (ribasanaclaudia@gmail.com) e Fernando Scheibe (fernandoscheibe@yahoo.com.br).

² Etnóloga, pesquisadora do CNRS (IIAC, equipe LAHIC, Paris-Carcassonne). Suas pesquisas atuais versam sobre a memória do confinamento nos campos de concentração na França (1939-1945). Em 2009, publicou *La Retirada: mots et images d'un exode* (Carcassonne, GARAE/Hétiode), reflexão sobre a vida artística e intelectual nos campos de republicanos espanhóis.

Na primavera de 1939, a Guerra Civil Espanhola, depois de quase três anos de confrontos entre o campo “nacionalista”, liderado por Francisco Franco e uma coalizão política que chamaremos, para facilitar a exposição, de “campo republicano”³, está prestes a terminar. Fugindo do avanço das tropas franquistas, milhares de espanhóis (entre 400 e 500 mil) cruzam os Pireneus em busca de refúgio no departamento dos Pyrénées-Orientales, onde nada havia sido preparado para acolhê-los. Constroem-se às pressas campos onde os refugiados são agrupados, antes de se proceder a uma espécie de triagem: mulheres, crianças e idosos são enviados para refúgios, espalhados pela área metropolitana, enquanto os homens permanecem nos campos, no sul da França (Argelès, Saint Cyprien, Le Barcarès, Agde, Septfonds, Bram, Gurs, Le Vernet d’Ariège). Alguns emigrarão para a América do Sul, outros encontrarão empregos na própria região. A maioria permanecerá ali até a eclosão da guerra em setembro de 1939, antes de serem integrados nas companhias de trabalhadores estrangeiros, substituindo os homens enviados para o *front*. Alguns se envolverão no conflito, acabando por vezes confinados nos campos da Europa Central, entre os quais o mais conhecido é o de Mauthausen. Aí estão esboçados os grandes traços da Retirada e as suas consequências imediatas como se encontram nos livros de história. Em 2009, a região de Languedoc-Roussillon⁴ celebrou com grande pompa o septuagésimo aniversário desse triste episódio, organizando uma vasta comemoração que, para alguns, soou como novidade, como uma atenção *finalmente* voltada para o destino dos espanhóis republicanos de 1939. Foi assim, aliás, que os promotores da comemoração a apresentaram. Ora, olhando bem, se novidade existiu, ela está na magnitude do movimento – uma região inteira vibrou ao ritmo deste passado durante nove meses –, no número de manifestações organizadas – cerca de 50 foram identificadas na publicação do Serviço de Cultura e Patrimônio do Conselho Regional – e na identidade do organizador. Na verdade, ela se inscreve no prolongamento de um movimento anterior sobre o qual se apoia e ao qual dá uma nova visibilidade. Pode-se dizer que este foi um movimento em duas etapas, levado a

cabo por duas gerações sucessivas, que se apoderam deste passado e o colocam em cena de maneira muito diferente.

Nos Pyrénées-Orientales, quando se evoca a memória da Retirada, o nome de uma associação surge imediatamente: FFREEE, *Fils et filles de républicains espagnols et enfants de l'exode*⁵. Essa associação nasce em Argelès, em 1999⁶, e rapidamente faz escola. A AMORE 47 (*Association pour la mémoire de l'odyssée des réfugiés républicains espagnols de Lot-et-Garonne*)⁷ aparece no Diário Oficial em 2002, a FRE 39 (*Famille de réfugiés espagnols de 39*)⁸ em 2003, a CERE 11 (*Chemin de l'exil des républicains espagnols dans l'Aude*)⁹ em 2008. Seria injusto esquecer as seções departamentais da MER, *Mémoire de l'Espagne républicaine*¹⁰, (Pyrénées-Atlantiques, Lot-et-Garonne, Tarn-et-Garonne), que aparecem ao mesmo tempo. Nos anos 2000, assiste-se, portanto, ao surgimento de muitas organizações que tomam por objeto a memória dos republicanos espanhóis e possuem muitos pontos em comum. Por um lado, todas elas se destinam, mais ou menos explicitamente, aos descendentes, filhos e netos, dos republicanos refugiados. Inspiram-se, quanto a isso, na FFREEE. Mas esta é a única a reivindicar claramente sua ancoragem geracional, até em seu nome. Por outro lado, todas afirmam lutar contra o silêncio, a surdez e a dissimulação de que a Guerra Civil e seus amanhãs¹¹ teriam sido, por muito tempo, objeto. Silêncio dos atores que não teriam falado deles. Surdez das crianças, muito ocupadas em viver suas vidas, sem se preocupar com o passado, não ouvindo aqueles que se arriscavam a contar, e que agora o lamentam amargamente. Dissimulação, enfim, conscientemente organizada por um conjunto de contornos vagos, misturando personalidades e instituições, políticas e culturais. Essas associações pretendem, portanto, agir no sentido de acabar com a dissimulação institucional, compensando as disfunções da transmissão familiar. Todas se veem como pioneiras da memória dos republicanos espanhóis, pretendendo que antes delas não teria havido nada.

No entanto, esta afirmação não resiste à análise. Essas associações são como uma árvore que, como se diz, muitas vezes esconde a floresta. O silêncio que evocam

³ Veremos mais tarde que esse campo não tinha nada de homogêneo.

⁴ Composta por cinco departamentos: Aude, Hérault, Gard, Lozère e Pyrénées-Orientales.

⁵ Filhos e Filhas de Republicanos Espanhóis e Crianças do Êxodo (N.T.).

⁶ Ao que tudo indica, ela teria aparecido pela primeira vez no *Diário Oficial* em 14 de agosto de 1999, tendo por sede social a biblioteca de Argelès. Ela será declarada, de novo e com o mesmo nome, em 28 de julho de 2001, com uma nova sede social, “place de la République”, sem maior precisão.

⁷ Associação para a Memória da Odisseia dos Refugiados Republicanos Espanhóis de Lot-et-Garonne (N.T.).

⁸ Família de Refugiados Espanhóis de 39 (N.T.).

⁹ Caminho do Exílio dos Republicanos Espanhóis no Aude (N.T.).

¹⁰ Memória da Espanha Republicana (N.T.).

¹¹ Reconhece-se aí uma alusão ao título da obra de Bartolomé Bennassar (2006 [2004]): *La guerre d'Espagne et ses lendemains* (A guerra civil espanhola e seus amanhãs). Não é fácil encontrar um termo geral para definir o objeto dessa memória. A República espanhola? A guerra civil? A Retirada? O confinamento? Essa memória se apoia numa sábia dosagem entre cada um deles, variável, como veremos nesta reflexão, em função dos interlocutores. Optarei, portanto, por expressões como “memória dos republicanos espanhóis”, “memória da República espanhola”, ou “memória da guerra civil”, cujo sentido é relativamente amplo, exceto nos casos em que o episódio comemorado for estritamente definido.

para legitimar sua existência é muito relativo. Basta afastar-se um pouco para perceber que elas não são realmente as precursoras que dizem ser. Outras iniciativas as precederam. E, o mais das vezes, foi destas iniciativas que elas nasceram. Situação estranha que temos que dissecar com foco em dois exemplos, o da FFREEE, que será o fio condutor desta reflexão, e, em menor escala, o da CERE 11.

Iniciativas locais

Na FFREEE, não se faz mistério acerca das circunstâncias em que a associação surgiu. Seria mais exato dizer que uma espécie de narrativa das origens foi instituída, sendo sempre retomada. Por ocasião do sexagésimo aniversário da Retirada, algumas pessoas, que não são de ascendência espanhola e se definem como “velhos argelesianos”, sugerem ao então prefeito Jean Carrère “fazer algo”. Ele concorda. É a um funcionário municipal, descendente de espanhóis republicanos, que ele confia o projeto. Este realizará, então, um trabalho considerável, que resultará, de 31 de agosto a 5 de setembro de 1999, na manifestação “Argelès se souvient... La Retirada – Les Camps”¹². A manifestação alcança um êxito considerável, reunindo, segundo consta, milhares de participantes, por vezes vindos de longe. Diante do entusiasmo suscitado, a ideia de perpetuar a operação se impõe, o que não pode caber ao município, que vê nela apenas uma operação pontual. A FFREEE, nascida poucos dias antes da manifestação, vai então tomar o bastão, organizando, todos os anos no mês de fevereiro, os “Camins de la Retirada”, sobre os quais voltarei a falar mais adiante. Assim contada, a história tem o mérito de ser simples e clara: nada havia acontecido antes da manifestação pontual do verão de 1999, que se tornou anual graças à FFREEE. Esta seria, assim, o artífice do retorno da memória dos republicanos espanhóis a Argelès.

Ora, é uma versão um pouco diferente e bem mais complexa que se descobre realizando uma investigação mais atenta. As coisas começaram muito antes do sexagésimo aniversário, com maior ou menor sucesso. Tudo começa no pequeno meio erudito argelesiano que se organiza em torno da revista *Massana*. Em 1974, essa revista publica o relato de Pierre Izard, então vice-prefeito de Argelès, descrevendo a chegada dos republicanos espanhóis e a construção do campo de refugiados (Izard,

1974). Quase 20 anos depois, em 1992, a mesma revista publica a autobiografia de um republicano espanhol, Isidore Ribas (1992). Assim, entreabre-se uma porta para o passado que outros vão, pouco a pouco, cruzar. E, em primeiro lugar, os próprios republicanos espanhóis. Em 1982, o projeto de um monumento que seria esculpido por Manolo Valiente, artista que foi confinado no campo de Argelès, aborta. Ao mesmo tempo, uma associação de antigos “guerrilleros”, comovida pelo destino reservado ao cemitério dos espanhóis, totalmente abandonado naquele momento, começa a mantê-lo.

Os universitários seguem-lhes os passos. Em 1989, o Centro de Investigações sobre os Problemas da Fronteira (Universidade de Perpignan), nascido dois anos antes, organiza em Perpignan¹³ um importante colóquio intitulado “Les Français et la guerre d’Espagne”¹⁴. Como não pensar que ele tem alguma relação com o sexagésimo aniversário do êxodo? Como uma espécie de homenagem científica (ou dos cientistas), durante três dias, de 28 a 30 de setembro, cerca de 30 participantes, incluindo alguns de muito prestígio, vão se suceder na tribuna. A exibição de diversos filmes sobre o tema e uma exposição completarão a homenagem. Os anais do evento são editados no ano seguinte (Sagnes e Caucanas, 1990). Se esqueceram a data exata, muitos dos meus interlocutores se lembram “do colóquio de Perpignan”, do qual não deixaram de participar, não hesitando em tomar a palavra para “testemunhar”.

Mas a mais obstinada é Sonia Marzo. Em 1986, essa argelesiana de adoção decide comemorar o quinquagésimo aniversário do início da Guerra Civil, menos por ser descendente de republicanos espanhóis do que por trabalhar como voluntária na biblioteca local, considerando que, “como bibliotecária, faz-se a história do lugar onde se vive”. Com o apoio de várias associações de antigos combatentes da República espanhola, preocupada em conciliar todas as tendências, diz ela, realiza uma primeira exposição que desperta pouco interesse entre os argelesianos. Isso não a impede de constituir, na biblioteca, um fundo consagrado à Guerra Civil Espanhola e ao exílio, nem de tentar de novo a aventura memorialista: por ocasião da projeção do filme *Terra e Liberdade*, de Ken Loach¹⁵, em Argelès, assegurando-se uma vez mais do apoio de antigos combatentes, ela organiza uma segunda exposição. Desta vez, o público argelesiano comparece. Em 1999, quando a FFREEE é criada, o terreno da memória não estava, por conseguinte, tão virgem quanto pretendem os membros desta associação.

¹² Argelès se lembra... A Retirada – Os Campos (N.T.).

¹³ Perpignan fica a 20 km de Argelès-sur-Mer.

¹⁴ Os franceses e a Guerra Civil Espanhola (N.T.).

¹⁵ O filme é de 1994. Sonia Marzo não se lembra da data exata da projeção e da exposição.

Assiste-se a um fenômeno idêntico em Aude, a propósito do campo de Bram. É ao coletivo CERE11, constituído em 2009, que caberia todo o mérito de ter, enfim, retirado o véu que cobria sua existência. Mas, se existiu um véu, reconheçamos que há vários anos já algumas pessoas tinham começado a rasgá-lo. Assim, o ano de 2004 aparece como um momento decisivo. De 3 a 5 de junho, uma manifestação em homenagem aos republicanos espanhóis é programada. Ela se beneficia de uma publicidade importante: no seu n° 122, de maio de 2004, *Perspectives*, o boletim de informações do conselho geral de Aude, consagra-lhe duas páginas inteiras. Duas exposições e uma venda de livros consagrados à Guerra Civil Espanhola são organizadas, bem como encontros-debates com associações de antigos combatentes. Sob a liderança dos Arquivos departamentais, um colóquio, cujos anais serão publicados no ano seguinte (*Aude, Archives Départementales*, 2005), reúne os especialistas na Espanha dos anos 1930. Nesta ocasião, inaugura-se, em Bram, uma escultura dedicada aos republicanos espanhóis. Esta é instalada, não no local do acampamento, mas em uma rotatória, rapidamente rebatizada de “Rond-point de la Retirada”.

Essa iniciativa, nascida nos meios eruditos, não tarda a ultrapassá-los. A associação FRE39, fundada em setembro de 2003, é um de seus efeitos, assim como a manifestação de 21 de fevereiro de 2004. Neste dia, inaugura-se, no cemitério de Carcassonne, uma estela que leva os nomes dos 53 refugiados espanhóis enterrados neste lugar. Alguns, enquanto historiadores amadores, empreendem então investigações.

Contudo, muito rapidamente, vozes se elevam. Recém instalada, a escultura da rotatória suscita críticas. Alguns consideram-na “feia”. Outros consideram que não tem nenhum sentido. Numerosos são os que julgam que o lugar não é adequado: uma rotatória não seria um lugar de recordação! Mas não seria esta, precisamente, uma estratégia a fim de não despertar demais o passado? Pouco a pouco, a estátua erguida em 2004 termina por ser percebida como um meio para silenciar o episódio que supostamente deveria evocar. Além disso, o destino reservado ao lugar do campo não parece confirmar esta visão? Poderosos equipamentos de construção escavaram o solo para extrair areia e cascalhos. Os trabalhos deixam para trás uma vegetação lamentável, de moitas e arbustos. Alguns denunciam a destruição deste “lugar de memória”, “esquecido de todos”, transformado numa banal pedreira. Assim, a manifestação de 2004 despertou a lembrança do campo de Bram. Mas este despertar dá origem também a um discurso sobre o esquecimento, a indiferença e a dissimulação.

Tudo se acelera à medida que se aproxima o septuagésimo aniversário da Retirada. Sob a égide da região Languedoc-Roussillon, ele se torna uma comemoração de

grande envergadura. É nesta perspectiva que a associação CERE11 é criada, com um projeto ambicioso. Trata-se de marcar com monumentos três lugares de confinamento situados naquele departamento, traçando assim este “caminho do exílio dos republicanos espanhóis em Aude” que deu o seu nome à associação. Em Bram, no lugar exato, segundo afirmam, da entrada do campo que se diz esquecido, um imponente memorial é inaugurado em 12 de março de 2009. Ele é composto de dois grandes quadrados de mármore preto, como um livro aberto, sobre os quais estão gravados em folha de ouro os nomes dos que morreram atrás destes arames farpados. Em seguida, é em Couiza e Montolieu que a existência de campos é recordada pela colocação de placas.

Em Argelès, como em Bram, não é às associações de descendentes de republicanos espanhóis que cabe o mérito deste repentino interesse pela Retirada e pelos campos, mas sim às instituições culturais (bibliotecas e Arquivos departamentais, círculos doutos, etc.) e políticas (prefeitura, conselho geral, conselho regional) locais. São estas últimas que levaram a questão para o espaço público, durante manifestações que se beneficiaram de uma vasta publicidade e reuniram um grande público. Longe de terem nascido de forma espontânea, a FFREEE e o CERE11 surgiram destas iniciativas pontuais a que deram prolongamento. Mas, objetará alguém mais crítico, comparemos o que é comparável! Entre Arquivos departamentais e associações de descendentes, para utilizar apenas esses dois exemplos, existe uma diferença de natureza que conduz a uma diferença quanto à maneira de apreender o passado, de o dar a ver e a pensar. Ora, examinando apenas as associações, observa-se muito rapidamente que um fenômeno semelhante de apagamento do que precedeu se reproduz da mesma maneira.

Uma associação apaga a outra

Retornemos a Argelès e lembremos-nos dos eventos organizados por Sonia Marzo nos anos 1980-1990. Ela cuidou sempre de se assegurar do apoio dos antigos combatentes da República espanhola, que qualificará de “guerrilheiros”, reunidos em uma ou várias associações. Contudo, ela não dirá mais, não esclarecendo nem o(s) seu(s) nome(s), nem o lugar onde ela(s) se encontra(m). E este não é o único ponto impreciso com que nos deparamos a partir do momento em que tentamos reconstituir o percurso desta memória na estação balneária. A história do cemitério dos espanhóis, que é um dos pontos fortes da comemoração que a FFREEE organiza, não é simples de obter. No mínimo, pode-se dizer que a narrativa existente a seu respeito é bastante fragmentária e um tanto quanto vacilante. De fato, insiste-se muito na negligência escan-

dalosa de que ele foi objeto por muito tempo. Durante muitos anos, não teria sido mais que um terreno baldio, invadido pelas ervas daninhas. Felizmente, hoje, uma cerca e um portal foram colocados, delimitando o espaço da lembrança. Bandeiras tremulam ao vento. As ervas daninhas são mantidas a distância graças a generosas pulverizações. A relva tornou-se um gramado, regularmente aparado. Mas como foi que passamos de um estado a outro? Ninguém parece saber. Mais ainda, ninguém parece querer saber. Alguns, muito raros, evocam vagamente uma associação de antigos combatentes espanhóis que, em uma data que não procuram esclarecer – “nos anos 80, sem dúvida” –, ter-se-ia comovido com este esquecimento e teria se encarregado do lugar. Não consegui obter mais do que isso. Em suma, na narrativa da história da memória do campo, só conta o fato de que o cemitério atravessou o tempo, passando do esquecimento à comemoração. Mas “esquece-se” também de evocar a maneira como ele atravessou o tempo e mais ainda graças a quem isso foi possível. A misteriosa associação de antigos “guerrilleros” nunca é citada. De um esquecimento a outro, em suma.

Assim, em Argelès, bem antes de 1999, associações tinham se encarregado da memória dos republicanos espanhóis. E não se pode deixar de pensar que a FFREE é de algum modo sua descendente direta, sua herdeira. Mas quantas eram essas associações? A associação que se ocupou do cemitério é a mesma que apoiou Sonia Marzo? Ou duas associações tinham dividido a tarefa, uma mantendo o cemitério, e a outra participando das manifestações organizadas pela bibliotecária? Estas são questões que só um etnólogo pode formular, perguntas que obtêm apenas respostas muito vagas. Quando não se trata de uma confissão de ignorância pura e simples. Estas associações mais antigas e as suas ações literalmente desapareceram da cena pública, doravante substituídas pela FFREEE.

Mas não é isso também o que acontece em Aude com o “Caminho do Exílio”? Em *La Dépêche du Midi* de 12 de março de 2009, um artigo é consagrado à inauguração do Memorial de Bram. O jornalista recorda que “o coletivo CERE 11 (constituído de duas associações de refugiados espanhóis e de antigos resistentes), para realizar este projeto, recebeu um apoio ativo do Conselho Geral e da região Languedoc-Roussillon” (*La Dépêche*, 2009). Mas ele não dá a identidade destas duas associações. Inútil acusar o jornalista local de ter feito mal o seu trabalho ou de ter entregue apenas uma parte da informação. Ele simplesmente faz eco às conversas cotidianas e às representações comuns para as

quais não existe mais que o coletivo, como se este houvesse fagocitado as duas associações de que é composto. É necessário procurar um pouco para descobrir a identidade dos desaparecidos. Trata-se da FRE 39, que já encontramos, e da *Amicale des anciens guérilleros espagnols en France – FFI de l’Aude*¹⁶, que apareceu no *Diário Oficial* em 19 de dezembro de 1998! Podemos então escrever um começo de história da memória do campo de Bram através das associações. Primeiro houve a *Amicale des anciens guérilleros espagnols en France – FFI*. Que ações ela desenvolveu? Como foram pensadas e apreendidas? Mistério. Ninguém fala disso. Foi esquecido. Com a aproximação da manifestação de junho de 2004, uma nova associação, FRE39, nasce, lançando sua antecessora na sombra. Semelhante fenômeno se repete quatro anos depois. Desta vez, é CERE11 que se coloca sob os holofotes, condenando suas duas predecessoras à sombra.

Em Aude, assim como nos Pyrénées-Orientales, uma associação apaga a outra. Mas quem são estas esquecidas da e pela memória?

Confiemos na historiadora Geneviève Dreyfus-Armand para dar uma resposta a esta pergunta. Em um artigo, limpidamente intitulado “Multiplicidade das associações de exilados republicanos espanhóis”, ela observa que, na França, entre o fim da guerra civil e a morte de Franco, os amigos dos antigos combatentes da guerra civil, as associações e revistas culturais, os ateneus, que reuniam os atores do acontecimento, foram extremamente numerosos. Ela ensaia um número aproximado. “Em torno de 175 entidades de todas as naturezas estruturaram esse exílio entre 1939 e 1975” (Dreyfus-Armand, 2001, p. 1).

Destas, duas nos interessam diretamente. A primeira é a *Amicale des anciens guérilleros espagnols en France – FFI* (AAGEF – FFI). Interessemos-nos por sua história. Os republicanos espanhóis tinham participado da defesa da França e muitos entraram na resistência. Assim, acrescentaram a estas associações ligadas à Guerra Civil Espanhola associações de antigos resistentes ou deportados. A *Amicale des anciens FFI et résistants espagnols* foi criada em Toulouse em abril de 1945” (Dreyfus-Armand, 2001, p. 3). Dissolvida em 1950, ela renasce das cinzas após a morte de Franco, em 1976, rebatizada “*Amicale des Anciens Guérilleros Espagnols en France – FFI*” (AAGEF – FFI). O mínimo que se pode dizer é que, desde então, dedicou-se ao trabalho a que se propôs. Com efeito, o seu *Bulletin d’Information de l’Amicale des Anciens Guérilleros Espagnols en France (FFI)*, que parece ter sido publicado pela primeira vez em outubro de 1977¹⁷, estava em sua edição de número 121 em março de 2011. Ativa

¹⁶ Amigos dos Antigos Guerrilheiros Espanhóis na França – FFI (a FFI: Force Française de l’Intérieur [Força Francesa do Interior] desempenhou um papel importante na resistência) (N.T.).

¹⁷ Site BN opale.plus: <http://catalogue.bnf.fr/servlet/ListeEntrees?host=catalogue>.

em matéria de edição, ela também o é na prática. Basta percorrer estas publicações para perceber que ela organiza numerosas manifestações, celebrações, comemorações e inaugurações de monumentos. Associação de envergadura nacional, goza de uma sólida ancoragem no sul da França, onde as seções departamentais são numerosas (Gard, Aude, Pyrénées-Orientales, Haute-Garonne, Gironde, Lot, etc.). É efetivamente a seção de Aude da AAGEF – FFI que já evocamos a propósito dos campos de Bram. Mas terá sido a seção catalã desta que se ocupou do cemitério espanhol de Argelès e acompanhou Sonia Marzo no seu trabalho de memória? Ou foi uma outra associação local, a *Association d'anciens combattants et victimes de la République espagnole*¹⁸ (AACVGRE), criada em 1982, em Boulou, e que realizou, como veremos a seguir, várias ações significativas no departamento? Difícil afirmar com certeza. Ambas as hipóteses são completamente plausíveis. E, no fundo, pouco importa. O principal é notar que associações, por vezes muito antigas, mantiveram a memória dos republicanos espanhóis, bem antes que a FFREEE e o CERE11 existissem.

Ora, entre as primeiras e as segundas, não assistimos a uma continuidade, mas a uma ruptura da memória. As razões que a explicam, são múltiplas. A primeira, evidente, está no próprio processo de legitimação. De certa maneira, a efervescência atual em torno da memória dos republicanos espanhóis, o interesse que ela desperta, leva a apagar o que precedeu. De fato, evocando, para justificar a sua existência, o silêncio que teria reinado durante muito tempo, as associações dos anos 2000 riscam tudo o que existiu antes delas, especialmente a existência e as ações de associações bem mais antigas. Tudo se passa como se elas nunca tivessem existido, como se não houvessem realizado nada. Como se tudo restasse a fazer. E no entanto...

Monumentos esquecidos

A memória, ninguém o ignora, é antes de tudo esquecimento. Este campo ilustra-o magnificamente.

Numa pesquisa etnológica, o que as pessoas não nos dizem tem tanta importância quanto o que nos dizem. O etnólogo deve estar atento ao que lhe designam, mas evitar, tanto quanto possível, tornar-se prisioneiro disso. Fuxicar, às vezes, pode proporcionar descobertas interessantes. Partamos para Prats-de-Mollo, onde aconteceu, em 2008, sob a égide da FFREEE, os “Camins de la Retirada”. A manhã é dedicada a uma caminhada pela montanha, da garganta de Ares até a aldeia, por uma

trilha que supostamente teria sido utilizada pelos refugiados de 1939. De volta à aldeia, os participantes ouvem, com recolhimento, os diversos discursos. Após o almoço, todo o mundo se reencontra numa casa rural para passar a tarde, misturando testemunhos e poesia. Então, cada um vai para sua casa. Sem passar pelo cemitério que não faz parte do programa. No entanto, é lá que se encontra o monumento em homenagem às vítimas espanholas do campo de Prats-de-Mollo, erigido pela “AAC e V de G da República Espanhola”¹⁹. Neste dia, ninguém veio se recolher aí. Contudo, ele não foi esquecido por todos, já que estava decorado com uma quinzena de vasos de flores artificiais.

As coisas se repetem no ano seguinte, nos 70 anos da Retirada. A FFREEE organiza uma comemoração na Estação Internacional de Latour-de-Carol, cujo papel no drama da primavera 1939, por mais central que tenha sido, não teria sido menos injustamente esquecido. “Escolhemos marcar este ato de memória na Estação Internacional de Enveitg/Latour-de-Carol, pois foi por ela que foram evacuados não apenas a maior parte dos combatentes – com destino a Vernet d’Ariège –, mas também as mulheres, as crianças e os idosos para os departamentos do centro da França. Nesta ocasião inauguraremos uma placa comemorativa na plataforma da estação” (Retirada, 2009). Tal placa encontra-se, com efeito, na fachada interna, que dá acesso às plataformas. Mas qualquer viajante minimamente curioso, ou que simplesmente não ande com os olhos voltados para seus sapatos, seria capaz de observar que existe outra placa, na fachada externa, em frente a um estacionamento. Ela está datada e assinada. É, uma vez mais, à AACVGRE que a devemos. Ela a fixou nesta parede em 1993.

Continuemos este percurso memorial invertido, já que se prende aos locais encontrados e em seguida esquecidos, dirigindo-nos ao cemitério de Port-Vendres, onde se encontra um monumento em homenagem àqueles que pereceram a bordo de navios-hospitais ancorados no porto. Este também está à margem do circuito da memória que a FFREEE organiza. E por uma boa razão! No seio da associação, de Serge Barba, então seu presidente, ao mais recente de seus membros, todos ignoravam sua existência. Muitos se mostravam ainda mais céticos: “Você está enganado, não há nada em Port-Vendres”, diziam-me. Se não tivesse visto uma fotografia dessa estela em um site da internet, eu teria abandonado minhas investigações, convencida de que não existia, de tão convictos que se apresentavam meus interlocutores. No entanto, ela existe.

¹⁸ Associação dos Antigos Combatentes e Vítimas da República Espanhola (N.T.).

¹⁹ Imagina-se, sem grandes riscos de engano, que se trata da *Amicale des anciens combattants et victimes de la République espagnole*.

Sem sinalizações que a indiquem, não é fácil encontrá-la, situada na parte antiga do cemitério, entre dois túmulos, recatadamente alinhada com seus vizinhos de eternidade. Não me é possível dizer quem tomou a iniciativa nem em que data foi erigida. Mas, indubitavelmente, é muito antiga, dado que o número 8 do *Bulletin d'Information de l'Amicale des Anciens Internés Politiques et Résistants du Camp du Vernet d'Ariège*, publicado em 1976, menciona a sua existência. Ainda assim, hoje, pelo menos nos círculos de memória que frequentei, ela caiu totalmente no esquecimento.²⁰

Investigando junto ao FFREEE, não ouvi falar mais do monumento de Prayols do que do memorial de Port-Vendres. Ao menos, se alguém me falou dele, foi discreto o suficiente para que eu não prestasse atenção. Ninguém me aconselhou que fosse lá. Do que se trata? Prayols é uma pequena aldeia em Ariège. É lá que, em 1982, por iniciativa da AAGEF – FFI, reconstituída seis anos antes, inaugura-se, na presença de Alain Savary, então ministro da Educação, o “Monument national des guerrilleros”. Confiou-se a Manolo Valiente a tarefa de realizá-lo²¹. A estátua toma a forma de um homem, com o corpo muito geométrico, as duas mãos segurando um fuzil que se encontra na altura da cintura, paralelo ao chão. Aos seus pés, uma placa com essas palavras que teriam sido proferidas pelo general de Gaulle a um guerrilheiro ferido: “Saúdo em ti teus valentes compatriotas, pela vossa coragem, pelo sangue derramado, pela liberdade e pela França. Por teu sofrimento és um herói espanhol e francês.” Mas a inauguração de 1982 terá pouco eco, e deve-se dizer que Alain Savary estava lá por ser um antigo resistente tanto quanto por ser ministro. Será preciso esperar 10 anos para que o lugar conheça certa consagração. Em 1992, Felipe González e François Mitterrand vêm se recolher ali com grande pompa. Todos os anos, em junho, ocorre uma cerimônia na presença das autoridades civis e militares.

Esses quatro exemplos são suficientemente esclarecedores para que não seja necessário ir mais adiante no inventário desses lugares que são verdadeiros “buracos de memória”.

Explicar a cegueira ou a ignorância de que as associações surgidas nos anos 2000 dão prova a respeito do que as precedeu recorrendo unicamente a seu processo de legitimação, a esse suposto silêncio a que elas teriam posto termo, não basta. É preciso evocar duas outras razões, complementares, para compreender plenamente

esse fenômeno. Uma concerne à geração implicada. Com efeito, até os anos 1980, as associações que se formam agrupam essencialmente os atores do drama, “combatentes” e/ou “vítimas”, figurando esses termos em seus nomes. A primeira geração, em suma. A partir de 1999, com a criação da FFREEE, é a segunda, aquela dos descendentes, que entra em cena. Hoje, portanto, duas gerações de associações partilham a memória da Espanha republicana. Certamente, não são dois universos exclusivos e estritamente estanques. Alguns são membros de uma associação de primeira geração e de uma de segunda. Mas são poucos os que ostentam esse duplo pertencimento. E o que é possível na esfera individual parece bem menos evidente na coletiva. Dessa forma, a FFREEE e a AAGEF – FFI, para citar apenas essas duas, não mantêm a menor relação, ignorando-se com uma frieza polida. Como poderia ser de outra forma? Com efeito, a outra razão se refere à maneira como cada geração se apodera do passado, o constrói, o representa, o coloca em cena e o celebra. Que as caçulas se mostrem esquecidas dos monumentos erigidos pelas mais velhas nada tem de espantoso se nos damos conta de que a memória da Guerra Civil Espanhola com que essas duas gerações lidam não é realmente idêntica, não mais do que o episódio que celebram. Mesmo bebendo da mesma fonte, esses círculos produzem, na realidade, dois discursos que, sem serem radicalmente diferentes, só podem ser imperfeitamente superpostos. Na construção elaborada pelas associações da segunda geração, encontramos quase todos os elementos observados naquela produzida pelas da primeira, mas segundo modalidades um pouco diferentes.

Do combatente à vítima

A memória da primeira geração de associações é, acima de tudo, uma memória dos partidos políticos presentes no seio do grupo republicano, de suas lutas, de suas oposições. Logo experimentei isso. Tendo publicado um artigo de jornal sobre minha pesquisa, recebi um telefonema de um homem idoso que se apresentou como um antigo combatente da guerra espanhola, possuidor de um arquivo importante que me convidava a consultar. Contudo, parecendo mudar subitamente de ideia, ele me fez a seguinte pergunta: “De que campo você é?”. Levei alguns segundos para compreender seu sentido. Assegurei-lhe que agia como etnóloga, como “cientista”, não pertencendo assim a nenhum campo. E que, além do mais, não tinha nenhuma ascendência espanhola. Pergunta

²⁰ Ela não está abandonada, no entanto. Mas quem vai lá para se recolher, colocando flores e placas? Mistério!

²¹ Este monumento tem relação com o projeto que, no mesmo ano, falhou em Argelès. Fez-se em Ariège o que havia sido destinado aos Pyrénées-Orientales? Teria Valiente conduzido paralelamente dois projetos de estátuas comemorativas? Tudo o que podemos dizer é que uma estátua idêntica à de Prayols foi inaugurada em novembro de 2005, em Caixas (Pyrénées-Orientales), onde o escultor viveu durante 25 anos.

a que faz eco a experiência familiar de Jacques. De seu pai, que descreve como “um comunista convicto, fanático mesmo”, ele dirá: “ele passou a vida refazendo a guerra civil. Quando estava com seus companheiros do partido, eles refaziam a guerra, buscando estabelecer de quem era a culpa por terem perdido. Os anarquistas, os socialistas, os não sei que lá, todos levavam paulada. Era melhor não falar dos anarquistas para ele, por exemplo, porque não podia nem vê-los. Mesmo na França! Mesmo muitos anos mais tarde! Eu tinha vergonha! Agora tu entendes por que eu nunca quis ouvir falar da guerra civil.” Esses dois exemplos ilustram perfeitamente a afirmação de Geneviève Dreyfus-Armand, para quem “as associações estavam [...] muitas vezes ligadas a correntes políticas precisas, mesmo se em algumas delas diversas tendências podiam coexistir, não sem lutas intestinas. Apesar da diversidade de seus campos de atividade, a política nunca estava ausente” (Dreyfus-Armand, 2001, p. 2). Não é exagero dizer que houve tantas “memórias da Guerra Civil Espanhola” quantas foram as posições no campo republicano.

Perfeitamente conscientes dessas oposições, as associações de segunda geração não pretendem, entretanto, reproduzi-las. Muito pelo contrário, multiplicam seus esforços a fim de evitá-las. Explicam-se, assim, as relações, por vezes tumultuosas, que elas mantêm com certos historiadores que não fazem mistério dos confrontos, às vezes sangrentos, que puseram face a face comunistas, anarquistas e socialistas. E essa vontade de esquecimento, Serge Barba a afirma sem desvios na mensagem que publica na página da internet da FFREEE de que era então o presidente. “Esse reconhecimento só pode ser obtido por associações como a nossa que agrupa todos os descendentes de refugiados, qualquer que seja sua sensibilidade. Eles se reencontram sob as cores tricolores da Espanha republicana como símbolo de pertencimento a um campo no respeito de seus diferentes componentes” (FFREEE, 2005). Não se pode ser mais claro. Passou o tempo em que cada campo produzia sua memória da guerra civil, muitas vezes em detrimento dos outros, acusando-os de todos os males, e do pior de todos: a derrota. De agora em diante, a memória da República não está mais esfaqueada, despedaçada entre seus diferentes atores. Ela é una, unificada. A guerra civil, no espelho da segunda geração, torna-se, assim, um confronto radical entre dois campos perfeitamente homogêneos: os “republicanos espanhóis”, de um lado, os franquistas do outro. Não nos surpreenderemos, portanto, ao saber que, na lista dos monumentos erigidos pelos pais e esquecidos pelos filhos, figuram as homenagens às figuras políticas maiores

da República. É o que acontece com aqueles de La Vajol²² e de Saint Cyprien, ambos consagrados a Lluís Companys, presidente da *Generalitat* da Catalunha de 1934 a 1939. Tampouco ficaremos surpresos ao constatar que os dois emblemas femininos, as duas “figuras de proa” (Roubaud Revilla, 2005, p. 67) da Espanha republicana, que foram por muito tempo a deputada comunista Dolorès Ibárruri e a ministra anarquista Federica Montseny, diversamente apreciadas de acordo com o partido a que se pertencia, sejam agora relegadas ao segundo plano, substituídas por estas outras mulheres, bem mais consensuais, que são as alegorias da República, pintadas pelos cartazistas Barreira e Diago, para citar apenas esses dois.

O lugar atribuído às opções políticas não é a única divergência que se pode observar entre as duas gerações de associações.

Lembre-mos do monumento de Prayol e do pouco interesse que suscita na geração atual. Ele sofre de um duplo defeito. Erigido por iniciativa da AAGEF – FFI, muito ligada ao Partido Comunista, ele evoca, com demasiada evidência, as antigas paixões. Mas, o que é pior, o passado que ele evoca não envelheceu direito. Vejamos isso em detalhe. Esse homem com o fuzil na mão celebra a luta armada e a figura do combatente. Mas devemos nos espantar? O nome da associação não nos levava a imaginar isso? A memória dos atores é, assim, a da guerra e dos combates, conduzidos primeiro abertamente em solo espanhol e depois clandestinamente nos esconderijos franceses. As associações de segunda geração também atribuem uma posição importante à resistência, insistindo pesadamente no papel essencial que seus pais desempenharam em seu seio. Contudo, a diferença entre umas e outras se faz sentir na relação com a Espanha. A memória da primeira geração escorre facilmente para um molde, pronto para acolhê-la, aquele do resistente que, na França, se impõe após a Segunda Guerra Mundial. Os espanhóis são parte integrante desse cosmopolita exército de sombras que lutou, arriscando a vida, contra a barbárie fascista e pela liberdade reencontrada. O pertencimento nacional é, nesse caso, suplantado pela identidade de resistente. O mesmo não se dá com os descendentes, para quem seus “pais” eram por certo resistentes, mas resistentes *espanhóis*, que davam sua contribuição para um país que os acolhera muito mal. A nacionalidade, meio apagada pelos primeiros, retorna com os segundos. Mas tem mais. Os mais velhos se reconhecem de bom grado na figura dos “guerrilleros”. Ora, o campo de ação destes não se limitou à resistência. Com efeito, fortalecidos por seu sucesso em solo francês, eles tentaram, no outono de 1944, reconquistar a Espanha,

²² La Vajol é uma cidadezinha da comunidade autônoma da Catalunha situada na fronteira franco-espanhola.

passando pelo vale de Aran. A tentativa foi um fracasso. Os descendentes optaram por outro emblema, a *Nueve*, essa coluna de tanques semiblandados que foi a primeira a penetrar em Paris, no verão de 1944, cujos nomes, bastante significativos, eles se comprazem em recordar: Teruel, Guadalajara, Belchite, etc. A primeira diferença entre esses dois símbolos é evidente. O “guerrillero”, em Prayols ou alhures, está marcado tanto pelo selo de sua vitória em solo francês, quanto por sua derrota sem apelo em terra espanhola. No final das contas, ele é um perdedor, um vencido. O mesmo não acontece com a *Nueve*, aureolada pelo prestígio dos liberadores e por uma vitória indiscutível. Mas, por transparência, percebe-se uma outra dissensão, mais sutil e mais essencial. O “guerrillero” é aquele que sonhou reconquistar a Espanha para ali se instalar de novo e que ficou na França por falta de algo melhor. Com a *Nueve*, escreve-se um passado que não faz nenhuma alusão a um eventual retorno, mas que, pelo contrário, inscreve, enraíza definitivamente os resistentes espanhóis no solo francês. Assim se estabelece a dupla ancoragem, a dupla identidade que seus descendentes reivindicam: eles são “franceses de origem espanhola”.

A terceira diferença entre as duas gerações se refere à maneira como cada uma se apodera do confinamento de 1939. As mais antigas não calam sobre os campos e o confinamento em solo francês. Mas, para elas, o confinado é acima de tudo um homem de armas, um combatente da liberdade. Com efeito, o mito resistencialista, tingido de internacionalismo, em que consiste a “primeira memória” dos republicanos espanhóis na França, terá vida longa, visto que o encontramos, intacto, em certos monumentos erigidos na virada dos anos 1980-1990 para recordar a existência dos campos de confinamento. É o que acontece com o Memorial das Três Colunas, na praia de Lido, em Barcarès, sobre o qual se lê: “Aqui se materializou, em 1939, a vontade feroz de 10 mil voluntários estrangeiros de resistir ao invasor, conscientes de que davam, assim, sua vida pela França. Eles constituíram os 21º, 22º e 23º RMVE²³. Este memorial é erigido em memória de sua passagem.” O acento é colocado nesses regimentos provisórios de voluntários estrangeiros que emprestaram sua mão forte ao exército francês e nos quais numerosas nacionalidades sv. Nada recorda explicitamente que esses valorosos regimentos se formaram atrás dos arames farpados. Nada recorda que os espanhóis formavam o grosso de suas tropas (Dreyfus-Armand, 1999, p. 120). Em Agde, o monumento erigido em 1989 para celebrar o quinquagésimo aniversário da Retirada traz as seguintes palavras: “Aqui ficava o campo de Agde. Dezenas de

milhares de homens aí passaram algum tempo em sua marcha para a liberdade.” Seis placas esclarecem quem eram essas “dezenas de milhares de homens”: “primeira legião de trabalhadores indochineses”, “judeus da Europa ocupada”, “tropas da África do Norte”, “centro de recrutamento do exército belga”, “exército tchecoslovaco na França”, “exército republicano espanhol”. Aí, a questão do confinamento não é silenciada. Mas disputa espaço com a da luta armada e da resistência. Da mesma forma, os espanhóis estão presentes, mas não são mais do que um dos seis grupos citados. Em Barcarès, assim como em Agde, o confinado que se celebra, aquele que as associações de primeira geração escolheram como emblema, é um homem na força da idade, ereto e orgulhoso, que despreza as terríveis circunstâncias que não o abateram nem diminuíram, um combatente em potência, um soldado da liberdade, ardente do desejo de retomar as armas para lutar contra a barbárie. Tudo se passa de maneira diversa com as associações de segunda geração. Rompendo com o discurso flamejante de seus antecessores, elas colocam incansavelmente o acento nessa trágica maré humana que misturava homens, mulheres, crianças, válidos e feridos, esses cortejos de civis que, com suas magras trouxas nas costas, tomaram os rudes caminhos do exílio, cruzaram os Pireneus e, então, foram confinados nos campos, onde conheceram a fome, o frio, os vermes, a doença, a humilhação, o desespero.

A iconografia ilustra à perfeição esse deslizamento de uma geração a outra e de uma percepção a outra. Lembremos da célebre fotografia de Robert Capa, representando um republicano espanhol mortalmente ferido por uma bala. Por muito tempo, a guerra espanhola se encarnou nela. Ora, mesmo se ela ainda ocupa uma posição importante, esta se faz cada vez mais vacilante. Os debates sobre sua “autenticidade”, sobre uma eventual trucagem, testemunham-no. Ela enfrenta a concorrência de outra foto, aquela de Henri Roger-Viollet que apareceu em *L'illustration* em 18 de fevereiro de 1939. Esta tende a se tornar hoje o emblema da Retirada, ao menos em Languedoc-Rousillon. Vale a pena descrevê-la detalhadamente: vê-se um grupo de refugiados andando penosamente num caminho de montanha. No primeiro plano, um homem dá a mão a uma mocinha pernetta que se apoia numa muleta. Atrás deles, um homem idoso, amputado da perna esquerda, ajuda um menininho, também amputado da perna esquerda, a andar. Um adolescente segue-os de perto. Afogada por muito tempo na massa de suas semelhantes, essa fotografia sai da sombra no final dos anos 1990. Colocam-se nomes e uma história nesses rostos.

²³ *Régiment de Marche des Volontaires Etrangers* (Regimento Provisório dos Voluntários Estrangeiros) (N.T.).

Trata-se da família Gracia. Quando dos bombardeios de Monzón, a mãe e uma vizinha protegeram com seus corpos, e às custas de suas vidas, duas das crianças, Alicia, a mocinha, e Amadeo, o menino menor. Mas ambos são gravemente atingidos por estilhaços de obus. Antonio, o filho mais velho, não sofreu tanto²⁴. Apenas o homem idoso e amputado guarda, provisoriamente, seu mistério. Essa imagem vai virar uma febre. Os artistas se inspiram nela. É Alicia e seu pai que Joan Garcia e Lola Reyes escolhem para figurar no monumento em homenagem aos exilados inaugurado em La Vajol, em 2000. Joan Jordà fará o mesmo para aquele que será inaugurado em Toulouse, em 2002. Quando o escultor Serge Castillo realiza uma série de estátuas representando as crianças do êxodo, consagra uma a uma reinterpretção de Alicia. Pode-se vê-la sentada numa cadeira, as mãos cruzadas sobre os joelhos, com uma grande muleta a seu lado. Quanto a José Péléja, que dedica sua aposentadoria aos pincéis, ele não tem tema favorito, deixando-se guiar pelos acontecimentos. Na perspectiva de 2009, toma por tema a Retirada, que não chegou a conhecer²⁵. Baseia-se, então, naquilo que considera “a bíblia”, os cinco tomos de *Guerre et Révolution en Espagne* de Georges Soria, selecionando as fotografias mais conhecidas, que reproduz em suas telas (Soria, 1975-1977). A esse conjunto, canônico segundo ele, acrescenta a foto de Roger-Viollet, demonstrando, assim, a posição considerável que esta adquiriu. Mas os artistas não são os únicos a se apoderarem da história da família Gracia.

Em 2003, o jornal *El País Semanal* encontra Amadeo, o único ainda vivo, e organiza para ele uma espécie de peregrinação ao lugar onde a foto foi tirada, em Prats-de-Mollo. A cidadezinha descobre, ao mesmo tempo, a foto e a identidade do velho, até então anônimo: trata-se de Thomas Coll, um prateano que deixou sua perna esquerda num campo de batalha da Primeira Guerra Mundial. A comuna se reconhece então no barbudo e, ainda mais, no menino, transformados em “heróis” locais, ordinários e sublimes. Para seus habitantes, a Retirada se encarna, a partir de então, na frágil silhueta estropiada do menininho. Seu nome é citado em todos os discursos, todas as evocações, todos os artigos. Em 2008, um redil situado no “Camin de la Retirada”, inaugurado nessa ocasião, é batizado “Cortal d’Amadeo”.

Em 2005, Progreso Marin publica, pela editora Loubatières, *Exil: témoignages sur la guerre d’Espagne, les camps et la résistance au franquisme*. Muitos acham que esta é uma das obras essenciais para a “memória” dos republicanos espanhóis. Ora, o que vemos na capa senão a foto de Roger-Viollet? Finalmente, apoderando-se de

uma imagem bem conhecida e, ao mesmo tempo, contribuindo para sua difusão, a Região escolheu a foto da família Gracia para figurar nos cartazes que anunciam a comemoração de 2009.

Entre a foto de Robert Capa e aquela de Henri Roger-Viollet, as diferenças são grandes. De um lado, um homem na força da idade, um soldado morto heroicamente no campo de honra. Do outro, civis, um pai e seus três filhos, desde então órfãos de mãe, dois deles levando na carne os estigmas de um conflito de que não participaram, mas que os atingiu em cheio. Em outros termos, não é mais em torno da figura do valoroso combatente que gira a memória dos republicanos espanhóis, mas em torno daquela da vítima, patética, moída pelo êxodo e pelos arames farpados, e mais ainda em torno dessa sua figura paroxística que é a criança. Vítima entre as vítimas. “Hipervítima” de certa forma. Mas não encontramos um deslizamento semelhante no que concerne à emergência da fotografia da criança judia do gueto de Varsóvia, com os braços levantados, como emblema da Shoah? Ignorada por muito tempo, ela só se impôs a partir dos anos 1960-1970, quando a imagem dos combatentes cedeu lugar àquela das vítimas inocentes (Rousseau, 2009).

Essa divergência quanto à maneira de se apoderar do passado explica facilmente que os monumentos erigidos pelos pais sejam objeto de certa cegueira por parte dos filhos. Mas não se deve deduzir disso que estes tenham renunciado às comemorações e aos lugares de memória. Simplesmente inventaram outros, em perfeita sintonia com a memória que agora carregam.

Novos lugares de memória

Várias vezes, ao longo dessa reflexão, evoquei os “Camins de la Retirada” que a FFREEE organiza todos os anos, em fevereiro, desde 2001. Chegou o momento de descrevê-los um pouco mais detalhadamente do que fiz até agora.

A escolha da data nada deve ao acaso; é clara alusão a fevereiro de 1939, período apontado como aquele que viu afluir a maior parte dos refugiados. A escolha do nome, “Camins de la Retirada”, tampouco é mero capricho. Alguns momentos da manifestação são, poderíamos dizer, estáticos. É o caso da cerimônia no cemitério espanhol onde se presta homenagem àqueles que morreram no campo. Os participantes fazem um círculo em volta do obelisco, escutam os discursos (prefeito de Argelès, presidente da FFREEE), colocam flores, observam um minuto de silêncio. Alguns,

²⁴ Conta-se que sua mãe o tinha enviado à casa de uma vizinha para buscar um copinho esquecido.

²⁵ Seus pais são emigrados econômicos, instalados na França no início do século XX.

em seguida, tomam a palavra. Estáticas são também as exposições, assim como as conferências e os piqueniques que ela organiza cada ano nas dependências ou nos arredores do castelo de Valmy. Mas colocação de buquês, discursos, minuto de silêncio, exposição e conferência, tudo isso nada tem de específico à FFREEE. Todas as associações, de primeira ou de segunda geração, fazem mais ou menos a mesma coisa. Entretanto, a FFREEE inova ao propor um exercício muito mais giróvago em vários sentidos. Todos os anos, ela organiza uma caminhada que é o coração vivo da manifestação. Alguns, além de tudo, não hesitam em percorrer centenas de quilômetros só para participar dela. Do que se trata? Parte-se de uma garganta e, costeando a montanha por pequenas trilhas, por vezes quase imperceptíveis, desce-se até a cidadezinha francesa mais próxima. Cada ano o itinerário é diferente. Assim, em 2003, a saída foi de La Vajol. Em 2008, foi-se a Prats-de-Mollo, em 2009 a Latour-de-Carol²⁶, e em 2011 a Banyuls²⁷. Trata-se, para os participantes, de colar seus passos nos passos dos refugiados de 1939, de refazer o trajeto que eles supostamente seguiram, de sentir em seus corpos o que seus antepassados sentiram, de reviver sua experiência. A ideia implícita é claramente esta: perceber e partilhar a dor deles, tornar-se, por algumas horas, um refugiado.

Todo o mundo pode participar, descendentes de republicanos ou não, jovens ou velhos. Tendo participado, sei que, sem ser um exercício físico puxado demais, essa caminhada solicita o corpo. Percorrem-se vários quilômetros (5 ou 6 em média). Os caminhos seguidos são muitas vezes de terra batida, de pedras e de raízes sobre as quais o pé pode escorregar se não se tomar cuidado. Enfim, a montanha sendo o que é, é preciso às vezes usar as mãos para subir um trecho mais íngreme, dar passos mais longos para transpor um fio d'água ou tentar a experiência das pedras úmidas e escorregadias. Compreende-se: se todos podem, em teoria, participar, os mais idosos, os menos ágeis, são, *de facto*, excluídos. Aqueles que haviam percorrido esses caminhos cerca de 70 anos atrás têm, é de se imaginar, as maiores dificuldades para seguir essas caminhadas. As pessoas idosas são, portanto, raras. E isso que elas eram apenas crianças em 1939. Essas excursões são para os “jovens”, para os filhos e netos dos refugiados.

O objetivo desses périplos na montanha não é apenas o de reviver a experiência fundadora. É também o de marcar com um monumento os lugares de sofrimento. Cada uma das caminhadas é, assim, materializada por um monumento comemorativo, erguido o mais das vezes na passagem da garganta. A garganta dos Balitres, entre Por-

tbou e Cerbère, a garganta de Ares, entre Prats-de-Mollo e Molló, a garganta de Banyuls, entre Banyuls e Espolla, têm doravante seus monólitos, sobre os quais está fixada uma placa recordando o êxodo. A cidadezinha de Perthus, onde milhares de refugiados se amontoaram antes que a fronteira lhes fosse aberta, recebeu um tratamento um pouco diferente, já que o que se inaugurou lá, em 2006, foi uma estátua representando silhuetas, adultas e infantis, apertadas umas contra as outras.

Se o refugiado é o centro desses “Camins de la Retirada”, ele divide essa centralidade com uma outra figura, aquela do confinado. Com efeito, a materialização da localização dos campos é outra das grandes preocupações dos descendentes. Argelès é uma estação balneária. Há muito tempo já que as toalhas e os guarda-sóis apagaram todos os vestígios do campo, que o prazer dos veranistas recobriu, em sentido próprio e figurado, o drama dos refugiados. Mas os descendentes não param de reconduzir esse passado à superfície. Desde 1999, é sobre ele, tanto quanto sobre o próprio êxodo, que recai a atenção. No local que se acredita ser a entrada do campo, erige-se, então, um monólito. Em 2009, uma placa é inaugurada no limite norte. Outras estão previstas à medida que os limites do campo forem identificados.

É comum, nos círculos da FFREEE, ouvir dizer que se Argelès fez, enfim, “alguma coisa” para a memória dos republicanos espanhóis, o mesmo não acontece com outra estação balneária bem próxima, Saint Cyprien, que também abrigou um importante campo de confinamento que ela se esforçaria hoje por esquecer e dissimular. Ora, percorrendo as ruas da cidade, surpreendemo-nos pensando que a acusação é um tanto injusta. Quatro monumentos recordam o êxodo de 1939. De frente para o mar, um vasto muro e uma estátua monumental representam homenagens a Lluís Companys e aos refugiados de 1939. No cemitério municipal, estão gravados numa pedra os nomes daqueles que pereceram atrás dos arames farpados. Num lote, um cenotáfio com uma cruz recorda que foi ali que se inumaram inicialmente as vítimas. Conhecemos situações em que a dissimulação não se traduz numa tamanha presença! Ora, emprestando aos descendentes sua lógica memorial, devemos reconhecer que sua acusação tem fundamento. Com efeito, dos quatro monumentos espalhados pela cidade, nenhum se encontra nos próprios lugares onde os arames farpados se ergueram, lá onde os confinados sofreram e alguns pereceram. Não há nada no lugar onde ficava o campo. Sua localização não foi materializada. Então, sim, Saint Cyprien ainda

²⁶ Naquele ano, foi um pouco diferente. Em vez de caminhar na montanha, pegou-se um trem que, segundo consta, conduziu os exilados das aldeias na montanha até os campos da planície.

²⁷ Em 2007, os “Camins” aconteceram no mar, de barco é claro, a fim de prestar homenagem àqueles que utilizaram a via marítima.

não tem seu lugar de memória. Um lugar de acordo com a memória dos descendentes. Um monumento no local exato do campo.

Chegando ao termo dessa reflexão, pode-se pensar que seu título, “Memória da Retirada e sucessão das gerações: do silêncio ao discurso ensurdecedor”, não é muito judicioso. Ele podia levar a pensar que, de uma geração à outra, o episódio da triste primavera de 1939 teria passado da sombra à luz; que as bocas, por muito tempo fechadas, teriam de repente deixado brotar sua torrente de palavras. Ora, como vimos, o mérito dessa memória não cabe apenas aos filhos. Antes deles, seus pais tinham agido nesse sentido. Mas sua ação permaneceu, em grande parte, inscrita numa espécie de intimidade. Suas tomadas de palavra, assim como suas ações, não ultrapassaram o círculo estreito daqueles que tinham participado do acontecimento. O medo de represálias, por parte das autoridades francesas ou espanholas, reais ou imaginárias, explica a discrição, por vezes mesmo a semiclandestinidadade, que eles cultivaram. Em outros termos, é antes de mais nada a si mesmos que eles se dirigiam. As coisas se passam de outra forma hoje com seus descendentes, cujos esforços se destinam, sobretudo, a atingir o público mais vasto possível. E, em primeiro lugar, os “políticos”. Com efeito, o que eles esperam não é nada menos do que o “reconhecimento” dessa trágica primavera como um dos momentos fortes da história da França do século XX. Mas esse “reconhecimento” tem o valor de um sismo, acarretando uma profunda inversão na memória do finzinho da Terceira República tal como ela se impôs. Apresentada na França, por muito tempo, como progressista e humanista, aureolada pelo prestígio desse fabuloso avanço social que são as férias pagas, ela se torna, sob o efeito da memória desses descendentes de espanhóis, bem diferente. Desconfiada dos estrangeiros, e mesmo xenófoba a ponto de confinar civis, mulheres, crianças e velhos em campos cercados de arame farpado, com a única justificativa de não serem franceses. Imagina-se que uma tal virada não é simples e suscita alguma resistência, mais ou menos claramente expressa. Compreende-se, então, que os descendentes não tenham outro recurso, para levar a bom termo tal projeto, senão multiplicar as ações no espaço público. Passar, em suma, do silêncio ao barulho ensurdecedor.

Referências

- AUDE. ARCHIVES DEPARTEMENTALES. 2005. *Refugiés espagnols dans l'Aude, 1939-1940 : Actes du colloque international de Carcassonne, 4 juin 2004*. Carcassonne, Archives départementales de l'Aude, 124 p.
- BENNASSAR, B. 2006 [2004]. *La guerre d'Espagne et ses lendemains*, Paris, Perrin, 548 p.
- DREYFUS-ARMAND, G. 1999. *L'exil des républicains espagnols en France: de la Guerre civile à la mort de Franco*. Paris, Albin Michel, 475 p.
- DREYFUS-ARMAND, G. 2001. Multiplicité des associations d'exilés républicains espagnols. In: 1901-2001: MIGRATIONS ET VIE ASSOCIATIVE: ENTRE MOBILISATIONS ET PARTICIPATION, Paris, 2001. Institut du Monde Arabe. Disponível em: http://www.generiques.org/colloques/vie_asso_immigration/page_11.html. Acesso em: 15/05/2011.
- FFREEE. 2005. Disponível em: http://ffreee.typepad.fr/fils_et_filles_de_rpublic/notre-histoire-et-notre-a.html. Acesso em: 15/06/2011.
- IZARD, P. 1974. Argelès-sur-Mer: L'exode espagnol. *Massana*, 21:119-143.
- LA DÉPÊCHE. 2009. Un mémorial, à Bram, pour les Républicains espagnols. Disponível em: <http://www.ladepeche.fr/article/2009/03/12/572292-Un-memorial-a-Bram-pour-les-Republicains-espagnols.html>. Acesso em: 15/06/2010.
- MARIN, P. 2005. *Exil: témoignages sur la guerre d'Espagne, les camps et la résistance au franquisme*. Portet-sur-Garonne, Loubatières, 179 p.
- RETIRADA. 2009. Disponível em: <http://www.revue-pyrenees.com/IMG/pdf/Programme-Retirada-2009.pdf>. Acesso em: 15/06/2011.
- RIBAS, I. 1992 [1939]. *J'ai vécu le camp d'Argelès*. Argelès-sur-mer, Ed. Massana, 48 p.
- ROUBAUD REVILLA, M-L. 2005. Las Olvidadas. In: M. MALVY, *Républicains espagnols en Midi-Pyrénées*. Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, p. 65-73.
- ROUSSEAU, F. 2009. *L'enfant juif de Varsovie: histoire d'une photographie*. Paris, Editions du Seuil, 266 p.
- SAGNES, J.; CAUCANAS, S. 1990. Les Français et la guerre d'Espagne. In: COLLOQUE TENU A PERPIGNAN, Perpignan, 1989. Actas... Perpignan, Centre de Recherche Sur les Problèmes de la Frontière, Perpignan, CREPF.
- SORIA, G. 1975-1977. *Guerre et révolution en Espagne*. Paris, Robert Laffont, 5 vols.

Submetido em: 02/12/2010

Aceito em: 20/06/2011

Véronique Moulinie
CNRS (IIAC, equipe LAHIC, Paris-Carcassonne)
94 Rue de Verdun
11000, Carcassonne, France